

---

**A historiografia francesa do século XIX nas páginas da *Revue Historique* (1876-1914)<sup>1</sup>**BORGES, Clayton Ferreira e Ferreira<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo analisar a *Revue Historique* por meio de um mapeamento de ordem quantitativa da produção historiográfica publicada no periódico entre os anos de 1876-1914. Deste ponto de partida realizamos uma breve análise qualitativa sobre os dados levantados, com vistas a contextualizar a conjuntura intelectual que subsumiu o historicismo francês, especificamente no que se refere à – genericamente – conhecida Escola Metódica. Assim como procura jogar luz sobre a importância desta geração de intelectuais no interior do processo de constituição epistemológica e institucionalização acadêmica da história na França durante a segunda metade do século XIX, para além dos mitos historiográficos produzidos pela escola dos *Annales*, tautologicamente reproduzidos na tradição historiográfica brasileira.

**Palavras-chave:** *Revue Historique*; Escola Metódica; Historiografia francesa.

**A nineteenth-century French historiography in the pages of the Historical Review (1876-1914)**

**Abstract:** The purpose of this article is to analyze the *Revue Historique* by means of a quantitative mapping of historiographical production published in the periodical period between 1876 and 1914. From this starting point we make a brief qualitative analysis on the data collected, with a view to contextualizing the intellectual conjuncture that subsumed French historicism, specifically with regard to the – generically – known Methodical School. Just as it seeks to throw light on the importance of this generation of intellectuals within the process of epistemological constitution and academic institutionalization of history in France during the second half of the nineteenth century, in addition to the historiographical myths produced by the school of the *Annales*, tautologically reproduced in the historiographical tradition Brazilian

**Keywords:** *Revue Historique*; Methodical school; French Historiography.

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS**

Na historiografia brasileira recente que se dedica à reflexão sobre os fundamentos teóricos, metodológicos e epistemológicos sobre o conhecimento histórico (aglutinados em um recém-criado campo de estudos intitulado de “Teoria da

---

1 O presente texto originalmente fez parte de nossa dissertação de mestrado intitulada *Revue Historique e Revue de Synthèse Historique: o caso A. D. Xénopol*, defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Goiás – UFG, em 2013, sob orientação do professor Dr. Cristiano Alencar Arrais. Obteve financiamento do REUNI. A versão atual sofreu significativas modificações.

2 Bacharel em História pela Universidade Federal de Goiás - UFG (2007-2010). Mestre em História pela mesma instituição (2011-2013). Atualmente é professor substituto do curso de História da UFMS - Campus Coxim/MS, e professor efetivo na rede estadual de ensino do Estado de Mato Grosso. E-mail: [claytonborges2010@gmail.com](mailto:claytonborges2010@gmail.com) <<https://orcid.org/0000-0002-6041-0103/print>>

História e história da Historiografia”), podemos perceber uma tendência de tomar as Revistas Históricas como um objeto de estudo que muito pode colaborar para a compreensão de inúmeros fatores que, em maior ou menor grau, constituem a história da ciência da história.

Sob tal perspectiva analítica, as Revistas Históricas são percebidas e abordadas analiticamente como pontos de inflexão e aglutinação de inúmeros autores, tendências, tradições historiográficas nacionais e redes de interlocução, funcionando assim como veículo privilegiado para o debate historiográfico sobre os mais variados problemas e princípios relativos à natureza e a produção do conhecimento histórico.

Neste sentido, as Revistas Históricas podem ser percebidas também como “máquinas de guerra” no interior da institucionalidade acadêmica, desempenhando o papel e a função de servir como veículo de divulgação e defesa de concepções teóricas e metodológicas sobre o conhecimento histórico. Tal intento também carrega em si ambições subjetivas de angariar reconhecimento intelectual entres seus pares, que se apresentava então como um meio indispensável para angariar melhores posições institucionais, espaços nas melhores universidades, direção de projetos editoriais de maior relevância, financiamento de pesquisas, etc.

Deste modo, as Revistas de História podem ser interpretadas como um mecanismo privilegiado para a criação e/ou consolidação de *projetos de poder* intelectuais de determinados indivíduos e/ou grupos, sintomaticamente no caso daqueles que em determinado momento inicial encontravam-se ocupando posições marginais nos espaços de saber, tanto na disputa intelectual por protagonismo, quanto na institucional.

É a partir desta perspectiva interpretativa que tomamos especificamente o caso da *Revue Historique* como objeto de estudo, procurando realizar um mapeamento da produção historiográfica veiculada na revista, assim como uma breve análise qualitativa que nos proporcionasse uma visão de conjunto sobre esta que foi – sob o signo do historicismo – o principal meio de divulgação da produção intelectual da assim chamada escola metódica francesa.

A *Revue Historique* pode ser vista então como um dispositivo de poder da historiografia tradicional francesa, concentrada na capital Paris em torno da Sorbonne, mecanismo de resistência do paradigma historicista hegemônico que era então o principal alvo dos ataques polemistas e acalorados de Lucien Febvre.

---

Febvre Aquele— por sua vez, falando a partir Estrasburgo, de um *lugar marginal* no jogo institucional acadêmico – em seus *combates* por uma “nova história”, uma vez saindo-se vitorioso nas *relações de forças* travadas entre as duas correntes, forjou a aura de uma “revolução” historiográfica, sintomaticamente a partir de sua mais importante máquina de guerra, a saber, a revista *Annales d'histoire économique et sociale* (BENTIVOGLIO, 2011; 2012; 2017).

### **A REVUE HISTORIQUE (1876-1914) E O PARADIGMA HISTORIOGRÁFICO FRANCÊS DO SÉCULO XIX**

A *Revue Historique* foi um periódico semestral fundado em 1876 pelo então professor da *École des chartes* Gabriel Monod. A revista é recorrentemente lembrada pela historiografia como o veículo de divulgação dos trabalhos da até então predominante escola metódica (BOURDÉ & MARTIN, 1983). Gabriel Monod (2010, p. 332-352) admitiu no programa que abria a primeira edição de seu empreendimento editorial que havia se inspirado em uma revista que o mesmo via como opositora, a saber, a *Revue des Questions Historiques*. Esta interpretada como um veículo de divulgação de uma historiografia declaradamente atuante no meio político e religioso francês, era acusada por Monod de excessivamente parcial e de produzir estudos baseados em um método deficiente. Católica e monaquista, a *Revue des Questions Historiques* serviu de inspiração a Gabriel Monod somente no que tange aos modos de edição e de divulgação de uma revista declarada como científica (CARBONELL, 1978; HARTOG, 2003).

A *nova história*<sup>3</sup> defendida pela então nascente escola metódica combatia uma geração de historiadores que se filiavam a uma orientação teórica e metodológica distinta. À “esta escola rival onde eles condenariam a falta de rigor, de objetividade e de abertura de espírito, se pode qualificar de católica e monarquista”. Deste modo, quando Monod explicitava que a *RH*<sup>4</sup> estaria a serviço de uma “ciência

---

3 É digno de nota o recorrente uso na historiografia da expressão *nova história* para demarcar a diferença entre sucessivas gerações de historiadores. Assim como os *Annales* ficaram mundialmente conhecidos por proporem uma *nova história* em contraposição à História dita “positivista”, os próprios metódicos haviam antes proposto uma *nova história* em contraposição à sua geração anterior, vista como demasiadamente especulativa e parcial.

4 Ao longo do artigo utilizaremos a sigla “RH” para nos referirmos à *Revue Historique*.

---

positiva”, isto significava que sua perspectiva editorial se posicionaria sob um “ponto de vista estritamente científico”<sup>5</sup>:

Il s'agissait pour lui, et pour ses amis, de faire sortir du champ historique Dieu et ses saints, la Providence et ses miracles ; d'en finir avec les deux cités de saint Augustin comme avec le Discours de Bossuet incessamment repris par les auteurs de manuels. L'Histoire sainte devait cesser d'être un champ de curiosité privilégié ; le surnaturel, la cause première et les causes finales devaient disparaître de l'intelligence historique. Chasser la théologie, le cléricisme et le militantisme réactionnaire, c'était constituer l'histoire en science positive (CARBONELL, 1978, p. 177).<sup>6</sup>

Monod estava muito mais preocupado em explicitar uma necessária formação moral do historiador do que a descrever ou pretender dar uma lição de método aos seus pares. Em vez de enumerar as regras do método histórico, Monod estaria mais preocupado em versar sobre uma ética historiadora que minimamente estabelecesse as práticas a serem evitadas (CARBONELL, 1978, p. 177).

Por sua vez, a *RH* propagava para si a tarefa de se tornar o canal de divulgação dos trabalhos daqueles que lançassem mão do “bom método”, pois satisfatoriamente rigoroso e fundado sob o signo da imparcialidade na prática historiadora. Para Monod e seus colaboradores a história enquanto ciência não poderia servir ao engajamento político e religioso de seus produtores.

Em outras palavras, Monod repudiava a ausência de limites à subjetividade historiadora, repúdio que visava proteger o conhecimento histórico do perigo das paixões presentes e de sua respectiva influência para a construção e para as condições de validação dos estudos históricos. Uma transição entre gerações colocava em destaque como se dava o entendimento da relação entre as dimensões objetiva e subjetiva no ofício do historiador. A última não sendo de forma alguma negada no programa da revista, porém, ficava evidente que não se optou por uma reflexão mais profunda sobre os problemas que ensejava. Monod julgou que a maior parte da geração que o precedera fora demasiadamente especulativa.

---

5 Todas as traduções das citações que constam nas notas seguintes são de nossa autoria e inteira responsabilidade.

6 “Tratava-se para ele, e para seus amigos, de fazer sair do campo histórico Deus e seus santos, a providência e seus milagres; de colocar fim com as duas cidades de Santo Agostinho como com o *Discurso* de Bossuet incessantemente retomada pelos autores dos manuais. A história sagrada deveria deixar de ser um campo de curiosidade privilegiada; o sobrenatural, a causa primeira e as causas finais deveriam desaparecer da inteligência historiadora. Perseguir a teologia, o clericalismo e a militância reacionária, seria constituir a história como ciência positiva”.

Neste contexto, a objetividade era colocada então como o maior problema diante dos desafios da profissão recém-institucionalizada em meados do século XIX. Essa ênfase sobre a necessidade de objetividade para a ciência histórica era baseada então na defesa do método crítico, o único meio pelo qual o historiador poderia se apoiar para evitar as especulações desvinculadas dos dados empíricos. O caráter referencial da história era então colocado em evidência, pois visto como pressuposto fundamental de um conhecimento seguro, verificável, e, em função disso, científico. Tal ênfase foi tão fortemente defendida e repetida por inúmeros membros de tal escola que por inúmeras vezes exageradamente afirmou-se uma suposta ingenuidade objetivante absoluta e carente de qualquer grau de problematização dos objetos históricos por parte dos metódicos (BRAUDEL, 1978; FEBVRE, 1977; REIS, 1996).

Mas é preciso lembrar o momento em que essas aspirações foram elencadas. A época histórica em que Monod e seus colaboradores se inseriam exigia cada vez mais dos historiadores estudos baseados em fundamentos confiáveis, onde o exercício da generalização – pressuposto do saber científico – fosse executado com maior prudência do que fora realizada pela geração anterior. Uma vez admitida, a imaginação deveria servir ao historiador somente se apoiasse em textos, em vestígios do passado.

Monod negava então uma velha dicotomia existente no cenário historiográfico francês, onde o campo literário – onde se localizariam o espírito filosófico, a imaginação e o estilo narrativo – fora rigidamente separado do tradicional e secular campo da erudição histórica francesa, onde a preocupação seria estritamente pesquisar os detalhes e as minúcias factuais, negando-se qualquer valor ao aporte generalizador, pois este sendo visto como produtor de meras fantasias.

Esta dicotomia na historiografia francesa era expressa pela oposição entre os termos *análise* e *síntese*. Enquanto a erudição se dedicaria exclusivamente à análise dos textos em busca de quadros empíricos confiáveis, os representantes do campo definido por Monod como literário dedicaram-se exclusivamente à síntese, à generalização frequentemente desvinculada dos dados empíricos. Para Monod, os maiores historiadores franceses seriam exatamente aqueles que se situaram em uma posição intermediária entre ambas as tradições, tal como Jules Michelet e Augustin Thierry. Tal defesa de um caminho mediano entre ambas as tradições nos

fornece valiosos indícios que podem enriquecer a interpretação sobre tal escola, para além das detratações, das caricaturas e das tautologias (HARTOG, 2003; MONOD, 2010).

No entanto, a *RH* era também atuante tanto na esfera política quanto na esfera religiosa. Ela era formada por um grupo de colaboradores que, malgrado a sua heterogeneidade teórica e espacial, eram majoritariamente protestantes e republicanos. Deste modo, os pressupostos explícitos da revista – a ênfase na objetividade baseada na imparcialidade do sujeito cognoscente fundada no método crítico – se mesclariam ao longo do tempo com aqueles princípios vinculados ao posicionamento político e religioso de seus membros. Talvez surgindo como mérito maior da *RH* em colocar a história dentro do campo da ciência positiva, ou seja, de um conhecimento que se pretende seguro por se apoiar em fatos constatados empiricamente, onde a especulação deveria ser regulada, podendo ser então concebida como uma generalização condicionada pelo material empírico (CARBONELL, 1978, p. 174-179).

Tal concepção científica herdeira do “espírito positivo” da escola histórica francesa e alemã nos parece bem diferente do “espírito positivo” do filósofo francês Auguste Comte. Apesar de se definir igualmente como “positivo” em função da exigência de se basear a construção do conhecimento pretendido em fatos sociais – no caso de sua física social – bem constatados, a filosofia de Comte – a que o próprio Comte define como positivista – se particulariza diante da filosofia crítica da história da escola histórica francesa ao reivindicar a existência de leis deterministas do processo histórico, e ao tentar identificá-las especulativamente (COMTE, 1978).

Nota-se assim que a única aproximação possível entre Auguste Comte e escola histórica francesa e alemã com relação ao termo “espírito positivo” utilizado por ambas as tradições era a exigência de uma fundamentação empírica a todo conhecimento que se pretendesse científico, devendo pautar-se em dados extraídos da realidade por meio de uma observação crítica através de um método rigoroso. Entretanto, apesar de compartilharem deste pressuposto fundamental, a direção que ambas as tradições tomavam – e, defendiam para a investigação científica dos fenômenos humanos – é irrevogavelmente diferente.

Enquanto o projeto comteano de uma física social continha um caráter explicitamente especulativo, a amplamente conhecida “aversão filosófica” da escola histórica francesa e alemã explicita sua negação da prática especulativa diante da



---

investigação dos fenômenos humanos. Se por um lado Comte pode ser interpretado como um positivista - e, ele próprio utiliza o termo para definir sua proposta filosófica -, por sua vez a escola metódica não pode ser vinculada de maneira reducionista ao conceito de positivismo em razão de convergir parcialmente com os preceitos empiristas de Comte, tampouco por enfatizar as possibilidades do conhecimento histórico e sua dimensão objetiva.

Se por um lado a filosofia positivista/especulativa de Comte é explicitamente fundada sob uma concepção e perspectiva *naturalista* do mundo, a-histórica, por outro, a filosofia crítica da escola histórica é baseada em uma concepção *historicista* do mundo. Tratam-se de duas visões de mundo distintas, que são pressupostos fundamentais de duas correntes intelectuais diferentes. O historicismo nasce no interior da tradição intelectual alemã e francesa em oposição direta ao naturalismo e ao racionalismo, que são as duas principais bases filosóficas da filosofia especulativa/positivista da história de Auguste Comte (COMTE, 1978; MARTINS, 2008; MEINECKE, 1943; WHELING, 1994).

Longe de opor de maneira maniqueísta os conceitos de positivismo e historicismo – visto existiram vertentes historicistas influenciadas pelo próprio positivismo comteano, como é o caso de Taine na França e Karl Lamprecht na Alemanha –, nossa intenção aqui é a de demarcar o distanciamento entre ambas as correntes intelectuais ao assinalarmos de forma sumária que as referidas tradições fundamentam sua concepção de história a partir de matrizes filosóficas distintas. Segundo Carbonell (1978, p. 175):

Lorsqu'ils parlent d'une histoire positive ils ne songent pas, semble-t-il, à Auguste Comte, dont le nom n'est jamais cité, mais à la situation concrète dans laquelle se trouve l'historiographie française. C'est contre une autre école qu'ils se dressent; c'est en évitant les erreurs qu'elle commet qu'ils fonderont, prudemment et comme négativement, leur propre école et feront de l'histoire, purgée des passions religieuses et politiques qui la pervertissent, une « véritable science ».<sup>7</sup>

Assim como Leopold von Ranke (2010), Monod expressava explicitamente certa aversão filosófica, exatamente em função de sua identificação entre reflexão teórica e uma atitude filosófica de especular demasiadamente acerca dos

---

7 “Quando falavam de uma história positiva, não pensavam, ao que parece, em Auguste Comte, cujo nome nunca é mencionado, mas antes na situação concreta em que se encontra a historiografia francesa. É contra uma outra escola que eles se dirigem, evitando os erros que eles cometeram, baseando-se cautelosamente, e, negativamente, sua própria escola em uma forma de fazer história purgada de paixões religiosas e políticas que pervertem a possibilidade de uma “ciência real”.

fenômenos históricos. Assim como Ranke, os metódicos negavam a existência de leis na história, e também a possibilidade de aplicação dos métodos naturais àquela parte da realidade que normalmente se define como histórica (HOLANDA, 1978). Para Carbonell (1978, p. 174-176):

Ce serait adopter un point de vue bien étroit, bien superficiel, que de chercher chez des philosophes — Kant, Herder, Hegel ou Comte, qu'importe — la source du courant qui va s'institutionnaliser en 1876. Taine excepté, dont nous savons qu'il n'a découvert Comte, grâce à Littré [...] tous nos historiens n'ont pas la tête philosophique; mieux, ou pis, ils dédaignent ouvertement la philosophie. [...] Gabriel Monod et Henri de l'Épinois, à dix ans d'intervalle, se rencontrent au moins sur ce point: ils ignorent dans leur discours Auguste Comte et son système.<sup>8</sup>

Assim, a historiografia francesa predecessora dos *Annales* não pode ser reduzida ao espectro do positivismo. Tratava-se de uma concepção de história que poderia ser mais bem definida como *tradicional*, herdeira do historicismo que cultivava um *espírito positivo* – leia-se: empirismo – centrado no “amor ao concreto – do fato –, temor da não objetividade”. Em contraposição, o *espírito positivista* é aquele que sustenta “uma visão de mundo otimista, progressista, cientista, articulada sobre as leis dos três estados, a hierarquia dialética das ciências, a pesquisa da eficácia” (CARBONELL, 1978, p. 182-183). Se no manifesto de abertura da *RH* de 1876 pode-se localizar uma linguagem positivista (CARBONELL, 1978, p. 174), trata-se apenas de convergências parciais e não de uma herança intelectual consciente, recebida e desenvolvida:

Gabriel Monod [...] rencontre le comtisme lorsqu'il combat l'histoire théologique, le providentialisme, la cause première et les causes finales, lorsqu'il dit sa foi dans le progrès continue de la raison, lorsqu'il affirme la nécessaire solidarité entre les générations d'hier et celles d'aujourd'hui. Mais il ne s'agit là que de convergences partielles qui, en outre, n'ont pas la même origine chez Monod et chez Comte. C'est par anticléricalisme et non par antithéologisme que le protestant Gabriel Monod et ses amis, protestants eux-mêmes ou séduits par le protestantisme, chassent Dieu de l'histoire; c'est par moderantisme républicain et non pour des considérations de philosophie de l'histoire qu'ils prêchent la solidarité (CARBONELL, 1978, p. 182-183).<sup>9</sup>

---

8 “Seria adotar um ponto de vista bem estreito, bem superficial, de procurar em filósofos – Kant, Herder, Hegel ou Comte – a fonte da corrente que vai se institucionalizar em 1876. Taine exceto, onde sabemos que ele tenha descoberto Comte, graças a Littré [...] todos os historiadores não tiveram cabeça filosófica, melhor, ou pior, eles desdenham abertamente a filosofia. [...] Gabriel Monod e Henri de l'Épinois, a dez anos de intervalo, se encontram ao menos sobre um ponto: eles ignoram o discurso de Auguste Comte e seu sistema”.

9 “Gabriel Monod [...] reencontra o comtismo quando combate a história teológica, o providencialismo, a causa primeira e as causas finais, quando ele professa sua fé no progresso contínuo da razão, quando ele afirma a necessária solidariedade entre as gerações de ontem e de hoje. Mas trata-se



Assim, “um conflito permanente de gerações resulta na constituição da história positiva” na segunda metade do século XIX em França, onde as heranças da erudição e do romantismo se mostram inoperantes quando praticadas de maneira unilateral. Portanto, em meados do século XIX, na medida em que o romantismo entra em declínio, surge então uma tentação cientificista, uma ambição desmedida de objetividade, que por sua vez acaba na suposta descoberta da “lei dos tempos antigos” (Coulanges), em um “determinismo do momento, do meio e da raça” (Taine) ou da “fonte secreta da história” (Marx) (CARBONELL, 1978).

É neste sentido que teria ocorrido na França do último quarto do século XIX uma retração, um recrudescimento por parte dos historiadores em direção à análise, pois “é o tempo dos fracassos e da modéstia se reencontrarem”. A partir deste movimento é que surgiria uma história positiva baseada na volta da “dúvida cética”, na recusa dos historiadores profissionais de se apresentarem como “artistas, profetas, escrivães ou legisladores do tempo”, de onde resultaria a proliferação de “trabalhos pontuais [...] adiando sem cessar [...] a idade das sínteses” (CARBONELL, 1978, p. 183-4).

Deste modo, Carbonell afirma que a noção de *geração* é útil para se investigar possíveis relações de continuidade entre tradições historiográficas posteriormente percebidas como absolutamente opostas. Criam-se assim as condições necessárias para se identificar não apenas as divergências – os problemas colocados pelas novas gerações à tradição científica estabelecida –, mas igualmente os debates e interlocuções – os possíveis pontos de contato entre tradição e inovação – entre três gerações de historiadores franceses sobre as condições de possibilidade de produção do conhecimento histórico. Sendo possível assim desnudar os *elementos heterogêneos* no interior de cada geração, assim como as *linhas de continuidade* entre as sucessivas gerações – dois elementos essenciais para uma interpretação plausível e abrangente do itinerário percorrido no desenvolvimento da produção do conhecimento histórico –, elementos que são frequentemente invisibilizados pelas típicas interpretações homogeneizantes e

---

somente de convergências parciais que não têm a mesma origem em Monod e em Comte. É pelo anticlericalismo e não pelo anti-teologismo que o protestante Gabriel Monod e seus amigos, protestantes eles mesmos ou seduzidos pelo protestantismo, excluem Deus da história; é por moderação republicana e não por considerações de filosofia da história que eles preenchem a solidariedade [...].”

forjadoras de discursos que afirmam uma ruptura paradigmática/absoluta por parte das gerações seguintes:

[...] bien sûr, trente ans plus tarde environ, à partir du tournant du siècle, une nouvelle génération apparaîtra, en rupture avec la précédente dont elle dénonce les “prudences tremblotantes”. Henri Berr reclame la nécessaire synthèse; les sociologues l’étude des groupes, des classes et non plus des individus [...] Discréditée, l’histoire positive s’étiole. Encore une génération et surgit l’école des Annales. Alors, rassemblant dans une même commisération hautaine, la tentation scientiste d’un Comte et les pratiques érudites de la foule des historiens du XIX siècle finissant, elle les confrontera dans le même anathème et, suivant les procedes de l’amalgame, les montrera du doigt em disant: “Positivistes !” (CARBONELL, 1978, p. 184).<sup>10</sup>

Em síntese, a serviço de seu projeto de poder intelectual e institucional colocado em prática em forma de um combate polemista e panfletário, Lucien Febvre (1977) explicitamente abusou da crítica sobre a escola histórica francesa, originalmente realizada por Henri Berr em interlocução com seus colaboradores das mais diversas ciências sociais (a geografia vidaliana, a sociologia durkheimiana, a psicologia, etc.) em torno da *Revue de Synthèse Historique*, fundada em 1900, uma geração anterior aos fundadores dos *Annales*<sup>11</sup>.

O abuso da crítica por parte de Febvre fica latente quando levamos em consideração sua homogeneização do caráter factual, metódico, empírico, prudente frente as generalizações e fragmentário da erudição francesa de orientação historicista para com o absoluto cientificismo da filosofia especulativa comteana sob

10 “[...] certamente, por volta de trinta anos mais tarde, a partir da virada do século, uma nova geração apareceria, em ruptura com a precedente onde ela denuncia as “prudências temerosas”. Henri Berr reclama a necessária síntese; os sociólogos os estudos dos grupos, as classes e não mais os indivíduos [...] Desacreditada, a história positiva se contrai. Mais uma geração e surge a escola dos Annales. Então, reunindo em uma mesma consideração arrogante, a tentação cientista de um Comte e as práticas eruditas da multidão de historiadores do final do século XIX, ela os confundirá em um mesmo anátema e, seguindo o procedimento de amalgamar, os mostrará o dedo dizendo: “Positivistas”!”.

11 Segundo Bentivoglio (2013) os dois fundadores dos *Annales* foram formados no interior da tradição da escola metódica, sendo Febvre orientado em sua tese doutoral pelo próprio Gabriel Monod, e Bloch por G. Fagniez, respectivamente, fundador e cofundador da *RH*. Por sua vez, Reis (2010) lembra que Febvre e Bloch estavam inseridos ativamente nos debates críticos ocorridos na *Revue de Synthèse Historique*, chegando a possuir relação próxima com seu fundador Henri Berr. Sintomaticamente, tanto Marc Bloch quanto Lucien Febvre foram colaboradores de ambas as revistas, contribuindo com artigos e resenhas. Para Bentivoglio (2013) tal conjunto de fatos indica que os pais fundadores dos *Annales* estavam inseridos tanto no interior da tradição da escola metódica, quanto no núcleo duro dos debates com as demais ciências sociais em prol da renovação dos estudos históricos ocorridos na *RSH*. O que são indícios suficientes para inferir que Bloch e Febvre estavam inseridos na institucionalidade acadêmica da própria escola metódica. O que evidencia de forma mais explícita o crescente aumento no tom das críticas de Febvre aos metódicos ao longo de sua trajetória acadêmica, diante da necessidade de demarcar a diferença para com os detentores do poder institucional francês, em sua ambição de ocupar um lugar institucional de maior destaque nas melhores universidades francesas, e liderança em projetos editoriais de grande fôlego em Paris.

a pecha conceitual do positivismo. A geração de Fustel de Coulanges, Gabriel Monod, Ernest Lavisse e Langlois e Seignobos (dentre tantos outros notáveis historiadores) foi por ele reduzida a uma caricatura – imagem esta negada até mesmo por Marc Bloch em correspondência – visão reproduzida acriticamente e à exaustão pela grande maioria dos historiadores vinculados à escola dos *Annales* em suas duas gerações seguintes, inclusive por parte hegemônica da historiografia brasileira (BENTIVOGLIO, 2013).

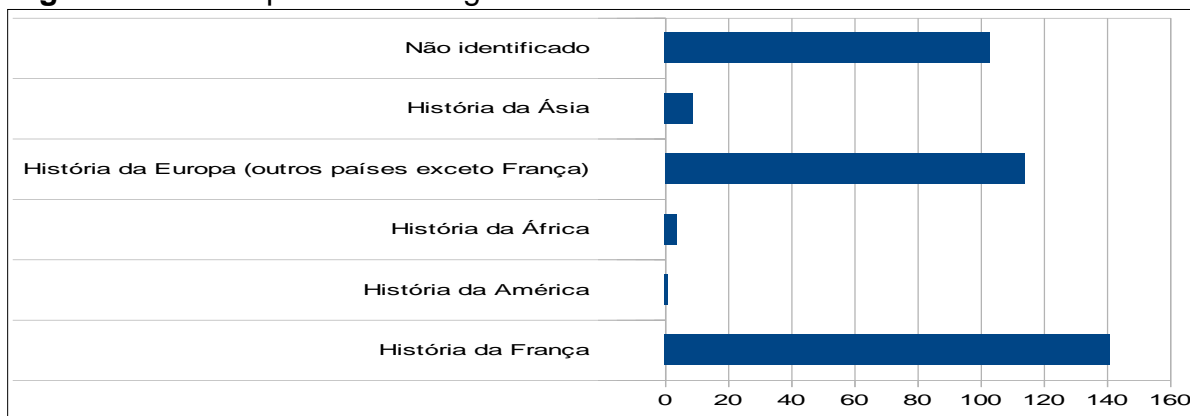
Com a abdicação de uma postura crítica diante da escola metódica, restou às demais gerações dos *Annales* a reprodução tautológica da imagem caricatural construída por Lucien Febvre e o discurso de ordem contra os “positivistas” que mais oblitera do que esclarece. É uma postura que podemos denominar de parricídio intelectual, que por sua vez fomenta a reprodução acrítica do mito da revolução dos *Annales* (ARRAIS, 2006; MATA, 2010).

A História da Historiografia possui então valor inestimável para um conhecimento crítico e plausível dos itinerários da ciência da história, desempenhando assim papel fundamental na desconstrução dos mitos historiográficos que obscurecem uma compreensão adequada sobre os limites e possibilidades do conhecimento histórico.

### MAPEAMENTO E BREVE ANÁLISE DA PRODUÇÃO HISTORIOGRÁFICA VEICULADA NA *REVUE HISTORIQUE* (1876-1914)

Seguem abaixo alguns gráficos que tem por objetivo mapear a produção historiográfica da *RH* desde o ano de sua fundação (deste modo foram utilizados todos os volumes da revista para a extração dos dados que constam nos gráficos) até o início da Primeira Guerra Mundial, acontecimento visto aqui como um marco impulsionador de mudanças transformadoras do modo de se conceber e de se produzir conhecimento histórico na França.

**Fig. 1.** Recorte espacial dos artigos



Fonte: *RH* (1876-1914). Disponível em: [www.archive.org](http://www.archive.org)

Na figura 1 procurou-se mapear o recorte espacial dos aproximadamente 372 artigos publicados no referido recorte temporal<sup>12</sup>. A maior parte dos textos foi dedicada evidentemente à história da França (38%) com 141 artigos, enquanto que a história da Europa se mostrou também de muito interesse aos colaboradores da revista (31%), computando 114 trabalhos no total. Nove artigos versam sobre a história da Ásia, quatro artigos sobre a história da África e apenas um artigo sobre a história da América, correspondendo juntos a apenas 3,8% do total.

Em uma historiografia onde a unidade – diante da diversidade de pesquisas – era buscada sob o signo da “nacionalidade”, é natural que o interesse maior estivesse vinculado à construção e reconstrução da história da França. Este é o momento de reinterpretação crítica da Revolução Francesa de 1789 e de seus respectivos desdobramentos no oitocentos. Enquanto que para um Fustel de Coulanges tratava-se de se desmistificar as ilusões revolucionárias, para Gabriel Monod a tarefa era a de realocar os eventos revolucionários no que se refere a seu devido grau de importância para a transição entre o antigo regime e aquele que ainda estava por se construir (HARTOG, 2003).

A geração de Monod estava interessada em atribuir sentido a um momento histórico recente, que ainda era visto como uma época onde as mudanças em França teimavam em obscurecer a coerência do momento presente e consequentemente os rumos da nação. Atribuir sentido ao presente por meio do estudo do passado era considerado como uma tarefa urgente, uma conciliação entre o passado e o presente tornava-se necessária frente ao sentimento de insegurança quanto ao futuro do Estado francês.

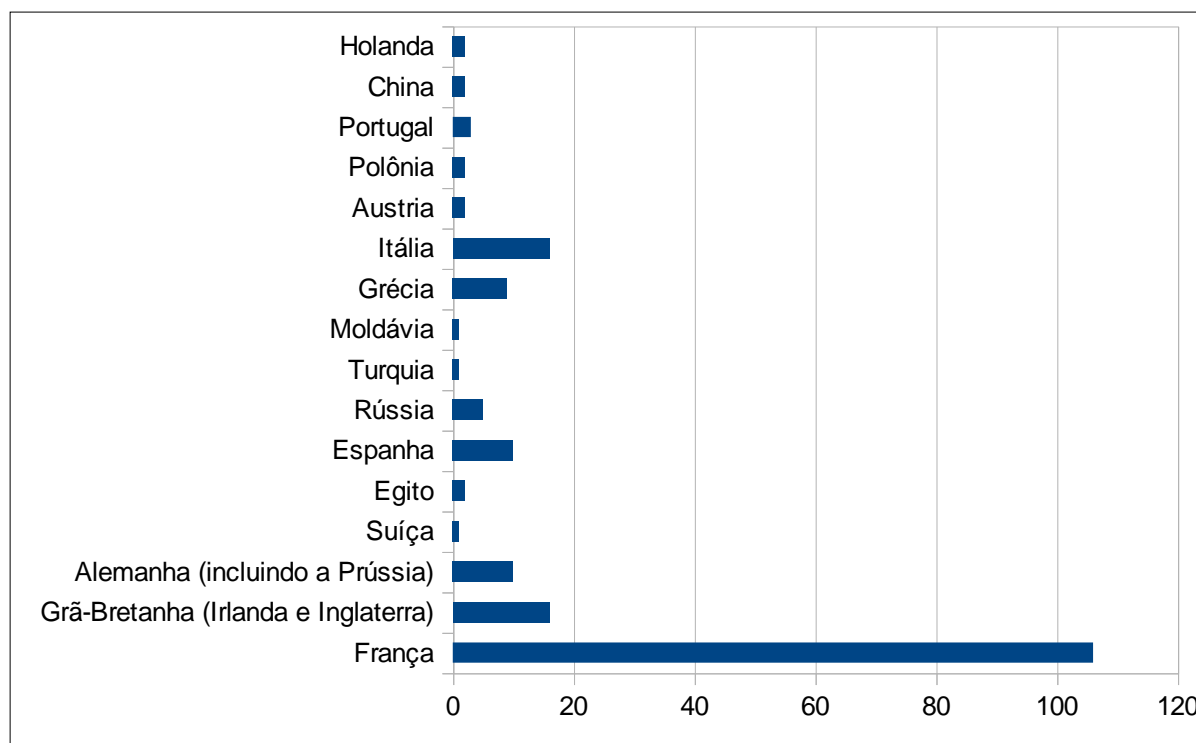
Em outras palavras, tratava-se de restabelecer o fio da tradição, a ligação entre um passado recorrentemente negado para com o presente composto em grande parte por este mesmo passado. Como interpretar este esforço analítico senão por perceber que o que se propunha seria reacolocar as mudanças diante das evidentes permanências no tempo? Neste sentido, o interesse predominante pela história política pode ser interpretado como uma tentativa de suprimir a falta de sentido, visto como o produto de eventos propulsores de mudanças significativas. A

---

12 Todos os modelos dos gráficos utilizadas neste trabalho foram inspirados em Bentivoglio (2011, p.81-101).

tarefa então era a de medir o devido grau das mudanças normalmente atribuídas aos recentes acontecimentos revolucionários (HARTOG, 2003, p. 112).

**Fig. 2.** Países pelos artigos contemplados



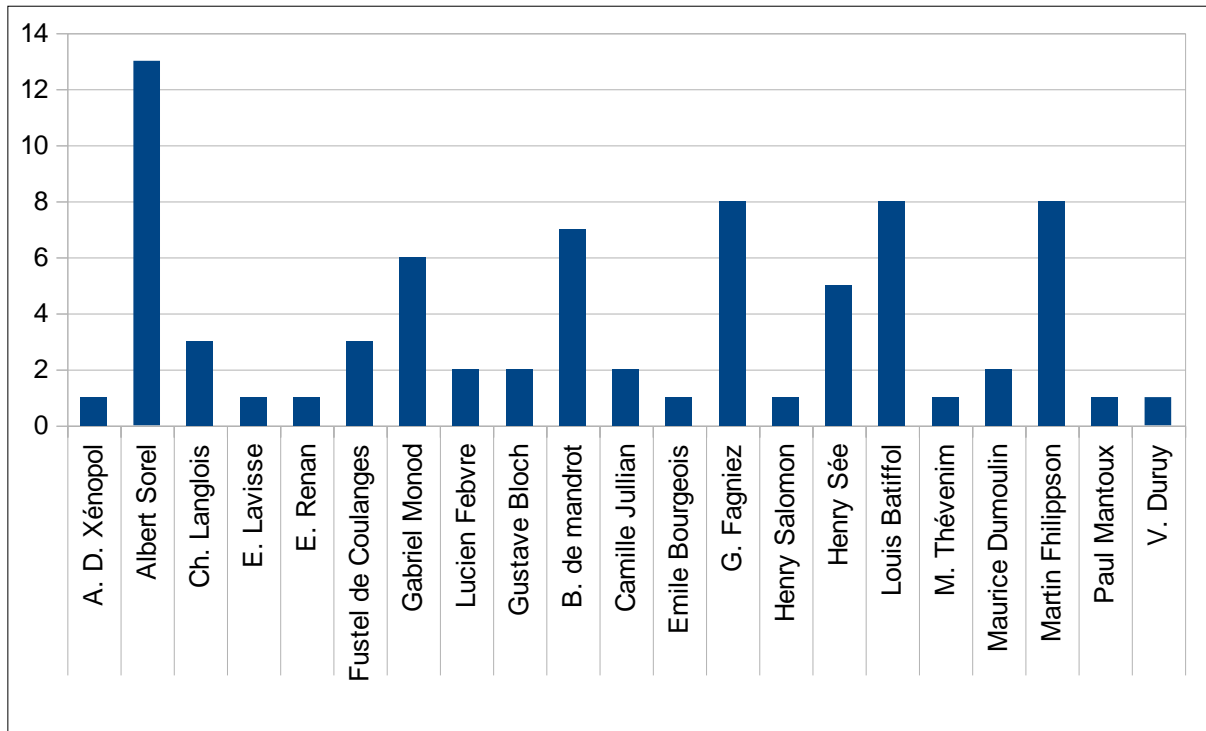
Fonte: *RH* (1876-1914). Disponível em: [www.archive.org](http://www.archive.org)

Na figura 2 procuramos mapear os países contemplados pelos textos. Evidentemente, a França foi contemplada com a grande maioria dos trabalhos, correspondentes a 56% do total. Como possível explicação deste preponderante interesse, deve ser notada além da supracitada busca pelo estudo do passado nacional com a intenção de reconstrução da coerência política interna, também a maior facilidade de acesso às fontes primárias, estas vistas à época como um documento privilegiado para a investigação histórica. Destacam-se ainda neste patamar o interesse pela história da Itália e da Grã-Bretanha, ambas contendo o mesmo percentual (8,6%), e pela história da Espanha e da Alemanha também com o mesmo percentual (5%). Os demais países que também foram objeto de estudo foram a Grécia com nove, Rússia com cinco e Portugal com três artigos. Egito, Áustria, Polônia, China e Holanda, com dois artigos, e, por fim, Suíça, Moldávia e Turquia receberam apenas um artigo cada.

Em virtude da existência de grande quantidade de trabalhos relativos ao que à época convencionou-se denominar de “história nacional”, no próximo gráfico tentaremos expor sumariamente a vinculação nacional dos colaboradores da revista.

Neste sentido – ao compararmos a figura 1 e a próxima – poderemos notar que os historiadores franceses também estavam muito interessados na história nacional de seus vizinhos europeus, tendo em vista a predominância dos mesmos na *RH*.

**Fig. 3.** Artigos publicados por alguns historiadores



Fonte: *RH* (1876-1914). Disponível em: [www.archive.org](http://www.archive.org)

Ao final do século XIX e início do século XX a *RH* contou com a colaboração de muitos dos mais renomados historiadores da época. Os treze artigos de Albert Sorel o colocam como o colaborador mais produtivo no respectivo período. Martin Philippson, Louis Batiffol e o codiretor da *RH* G. Fagniez<sup>13</sup> também se destacam entre os que mais publicaram com oito textos cada um, seguidos de perto por B. de Mandrot (com sete), do fundador e diretor da *RH* Gabriel Monod (com seis) e de Henry Sée (com cinco).

Em seguida aparece o coautor da obra *Introdução aos estudos históricos* (1899) Ch. Langlois com três. Sente-se a falta da presença do também autor da referida obra. Seignobos não publica sequer um artigo na revista que é recorrentemente vista como o canal de veiculação por excelência de sua concepção

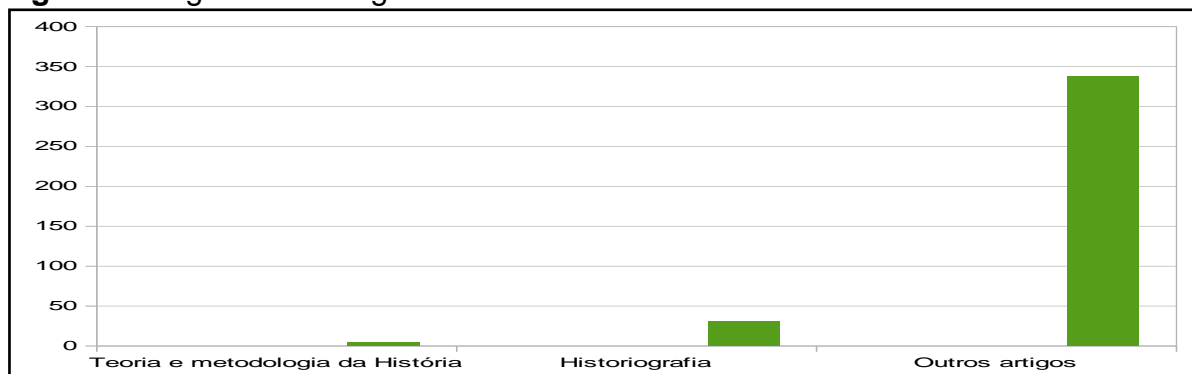
13 Gustave Charles Fagniez (1842-1927) foi um historiador francês especializado na Idade Média e da era moderna. Arquivista paleógrafo formou-se na *l'École des chartes* (1864-1867). Completou sua formação na *École des Hautes Etudes*. Foi Membro da Sociedade de História de Paris e Ile-de-France e foi eleito membro da Academia de Ciências Morais e Políticas em 1901. Em 1876, Fagniez e Gabriel Monod fundaram a *Revue Historique*.



de história. Consagrados historiadores da época como Fustel de Coulanges (com três), Camille Jullian, Maurice Dumoulin, Gustave Bloch<sup>14</sup>(respectivamente com dois artigos cada), Ernest Renan, Ernest Lavissee e Victor Duruy<sup>15</sup> (com um artigo cada) aparecem lado a lado de historiadores desconhecidos do público brasileiro como A. D. Xénopol,<sup>16</sup> Émile Bourgeois, Henry Salomon e Paul Mantoux (com um artigo cada). Curioso também é a tímida presença do posteriormente célebre fundador da escola dos *Annales* Lucien Febvre com dois artigos.

Levando em consideração a supracitada afirmação de que os mais renomados historiadores franceses à época figuravam dentre os colaboradores da *RH*, ao compararmos a figura 3 para com a próxima, poderemos perceber que a assertiva de Carbonell de que os metódicos não se dedicavam à reflexão teórica sobre seu saber se confirma nos dados numéricos.

**Fig. 4.** Perfil geral dos artigos



Fonte: *RH* (1876-1914). Disponível em: [www.archive.org](http://www.archive.org)

Na figura 4 pretendemos mapear o perfil geral dos artigos na *RH*, onde vislumbramos delimitar o espaço conferido à reflexão teórica e metodológica da

14 Gustave Bloch (1848-1923) foi um historiador francês. Sua área de interesse era sobre história antiga. Em 1876 tornou-se professor de antiguidades gregas e romanas da Universidade de Lyon. A partir de 1888 ensinou História na *École Normale Supérieure*, onde sucedeu o historiador Paul Guiraud (1850-1907). De 1904 a 1919, foi professor de história romana na *Faculté des Lettres* em Paris. Ele era pai do historiador Marc Bloch (1886-1944), que, com Lucien Febvre (1878-1956), foi co-fundador da *École des Annales*.

15 Jean Victor Duruy (1811-1894) foi um historiador e político francês. Foi nomeado professor na faculdade de Reims, na idade de 22 anos, e em 1830 foi admitido na *École Normale supérieure*. Como Ministro da Educação entre 1863 e 1869 foi responsável por liderar uma ampla reforma educacional em todos os níveis, que culminou na fundação da *École Pratique des Hautes Etudes*. Após deixar o cargo de ministro dedicou-se à pesquisa sobre história antiga. Foi membro da Academia de Inscrições e Belas-Letras, da Academia de Ciências Morais e Políticas e da Academia Francesa. Em 1876, ele participou da criação da *Revue Historique* ao lado de Gabriel Monod.

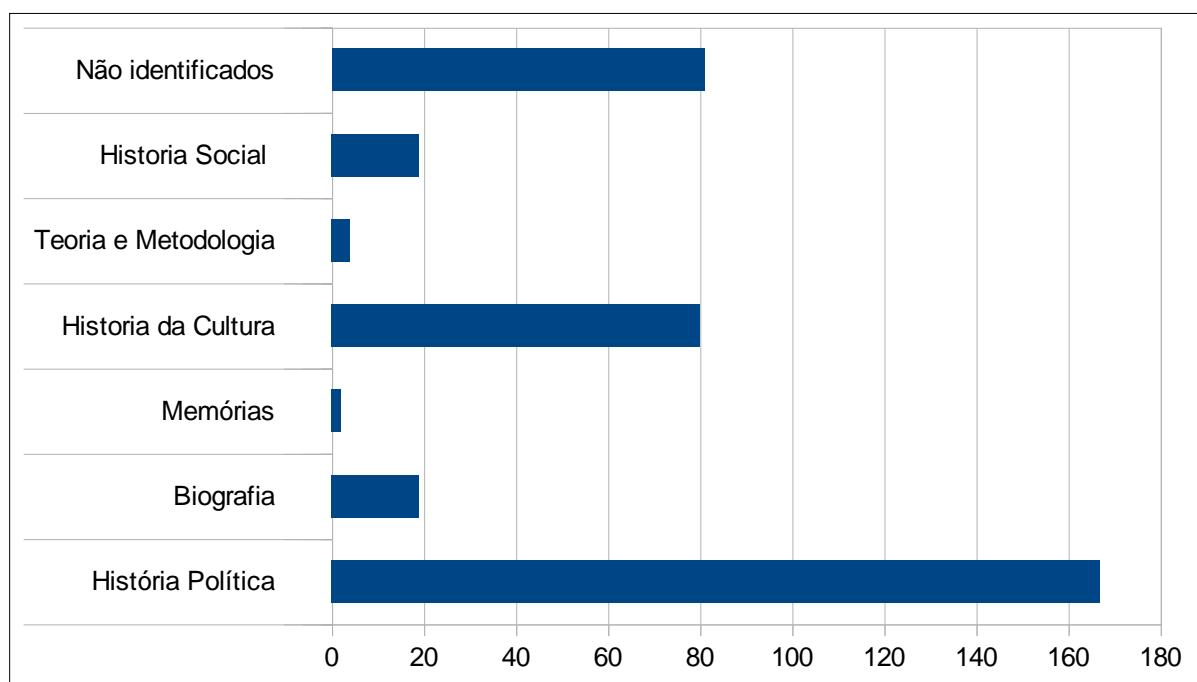
16 Alexandru Dimitrie Xénopol (1847-1920) foi um economista, historiador e filósofo romeno. Sua principal área de interesse versava sobre a teoria do conhecimento histórico, mais especificamente sobre os seus aspectos lógicos. No interior de nosso recorte temporal (1876-1914) o referido autor publicou apenas um artigo na *Revue Historique*, entretanto sua contribuição foi mais intensa na *Revue de Synthèse Historique*.

história (1%) e à historiografia (8%), os artigos restantes somando 91%. Os dados indicam o irrisório espaço destinado à teoria da história e à história da historiografia, somando juntos menos de um décimo de toda a produção do período.

Carbonell (1978, p. 174-175) nos lembra de que os historiadores vinculados à escola metódica não se interessavam pela epistemologia de seu saber, mas antes estavam mais interessados em reescrever a história francesa laicizada, ancorados no método crítico. Mais frequentes – do que os trabalhos que versavam explicitamente sobre os aspectos teóricos do conhecimento histórico – eram os trabalhos sobre a história da historiografia. O próprio Gabriel Monod dedicou um artigo inteiro para a investigação do pensamento do até então renomado historiador francês Jules Michelet.

Em total consonância para com a construção de uma nova interpretação histórica sobre o passado francês em face à instabilidade política da segunda metade do século XIX, os estudos sobre a história política representam o campo de maior interesse para os historiadores franceses. Entretanto, como podemos verificar na figura 5, o político era até então o tema de maior interesse dos últimos inclusive quanto aos vizinhos europeus.

**Fig. 5.** Campos da história mais visitados



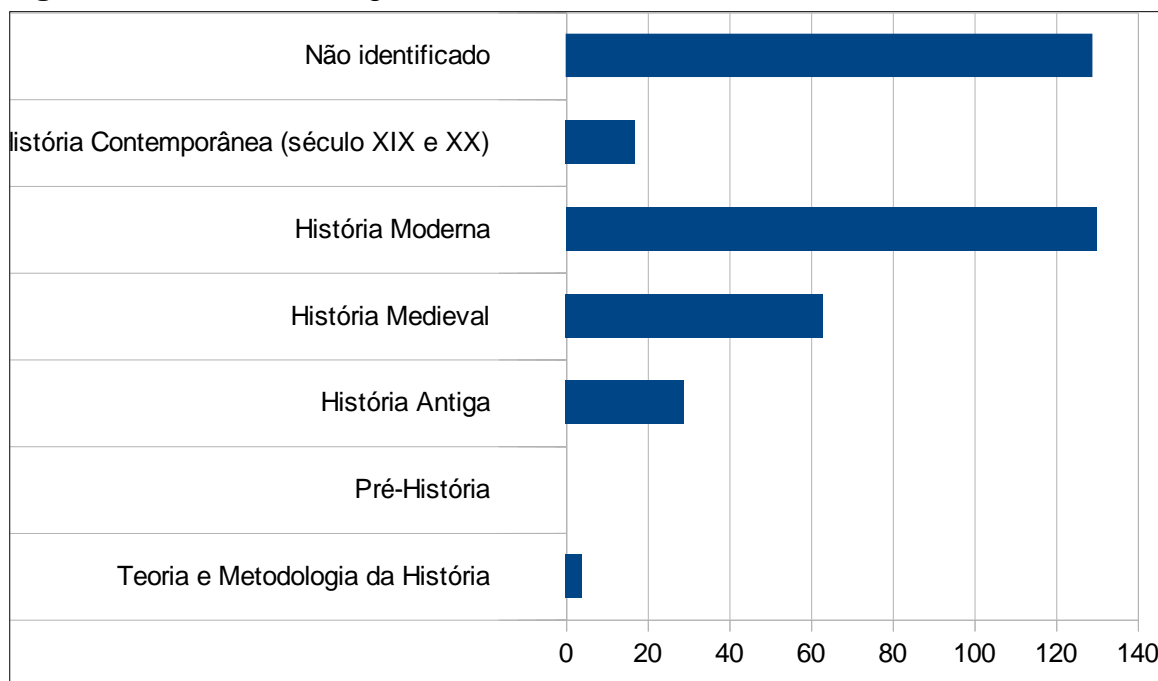
Fonte: RH (1876-1914). Disponível em: [www.archive.org](http://www.archive.org)

Na figura 5, malgrado os problemas relacionados à divisão dos artigos em domínios da história que até hoje não encontram consenso entre a comunidade historiadora, pretendemos mapear os artigos da *RH* de acordo com os campos de pesquisa da história (BENTIVOGLIO, 2011, p. 96).

Como era de se esperar, a história política representa quase metade dos trabalhos veiculados na revista, somando aproximadamente 45% dos artigos publicados. Em segundo lugar aparecem os estudos sobre história da cultura com 22%. Logo em diante e empatados surgem os trabalhos sobre história social e biografia com 5%. Em proporção quase que insignificante aparecem os trabalhos sobre teoria e metodologia (1%) e memórias (0,5%).

Tendo em vista o referido esforço em reinterpretar a história francesa em face dos acontecimentos revolucionários, naturalmente que, no que tange às áreas de pesquisa, as histórias modernas e contemporâneas estariam no interior do círculo de maior interesse na *RH*. Deste modo, os estudos de história política versavam em sua maior parte à história recente e à história da constituição do antigo regime durante o medievo.

**Fig. 6.** Áreas mais investigadas



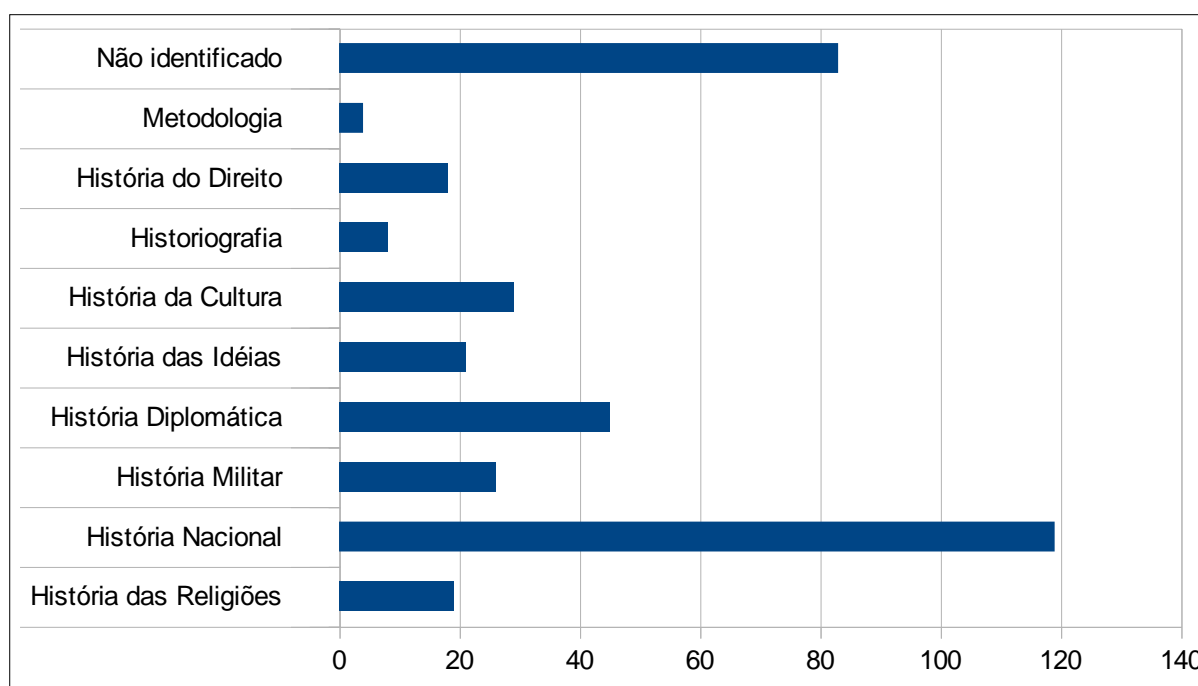
Fonte: *RH* (1876-1914). Disponível em: [www.archive.org](http://www.archive.org)

Deste modo, na figura 6 tomamos por objetivo dividir os artigos de acordo com as áreas do conhecimento histórico, tendo como critério o período histórico a que os

trabalhos se referiam, e, mantendo a distinção ante as pesquisas referentes à teoria e metodologia da história (BENTIVOGLIO, 2011, p. 97). A história moderna com 35% e a história medieval com 17% dão a tônica da *RH*, ao perfazerem juntas 52% do total da produção mapeada. Em seguida vem história antiga com 8%, história contemporânea com 5% e teoria e metodologia com pouco mais de 1%. Por fim, é notável também a ausência de, pelo menos, um artigo versando sobre a pré-história.

O entrelaçamento dos dados referentes às áreas para com os temas de pesquisa dos colaboradores da *RH*, malgrado os dados acerca das histórias nacionais não se refiram exclusivamente à história francesa, indicam uma vez mais para o supracitado empenho em reescrever o passado recente em face dos problemas políticos atuais.

**Fig. 7.** Temáticas predominantes



Fonte: *RH* (1876-1914). Disponível em: [www.archive.org](http://www.archive.org)

Na figura 7, buscamos delimitar as principais temáticas abordadas na *RH*. Em primeiro lugar aparecem os artigos que versam sobre aquilo que normalmente se nomeia de histórias nacionais com 32%, no entanto tais trabalhos iam além da história da França, contemplando os principais países da Europa. Em seguida vêm aqueles trabalhos relativos à história diplomática com 12%, história da cultura com 8%, história militar com 7%, história das ideias com 6%, história das religiões com 5%, história da historiografia com 2% e teoria e metodologia com 1%.

Sob a rubrica de história das ideias reunimos artigos que analisam o pensamento de variados autores, tal como o artigo de F. Decrue sobre *Les idées politiques de Mirabeau* de 1883 (n. 21), e os trabalhos de Henri Sée *Les idées politiques de Diderot* de 1897 (n. 65), *Les idées politiques du duc de Saint-Simon* de 1900 (n. 73) e *Les idées politiques de Voltaire* de 1908 (n. 98).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos perceber ao longo de nossa pesquisa quantitativa e qualitativa, a *Revue Historique* de fato foi um importante veículo de difusão da concepção de História da escola metódica francesa e de sua predileção pela História Política. Entretanto, também podemos observar que na revista existia espaço para a divulgação de pesquisas dos mais variados campos e abordagens, mesmo que em menor grau. Malgrado a História Política, Nacional, Militar e Diplomática ainda constituíssem interesse predominante na revista, seus editores e colaboradores não estavam fechados para pesquisas que apresentassem novas abordagens que emergiam em fins do século XIX e início do século XX por influência de outros campos do saber.

Também é significativo que o periódico fosse canal de divulgação de trabalhos eruditos e do debate historiográfico entre historiadores das mais variadas nacionalidades europeias, o que evidentemente deixa entrever que se a crítica e o debate sobre a produção do conhecimento histórico não era a tônica da revista, também tinha seu espaço, principalmente as discussões de ordem metodológica.

Em síntese, a História Tradicional/historicista da escola metódica francesa obviamente era a tendência hegemônica no interior da *Revue Historique*, assim como suas preferências temáticas pelo âmbito político. Entretanto, tal concepção de História e seus adeptos de modo algum podem ser confundidos com a caricatura formulada por Lucien Febvre (1977) na execução de seu projeto de poder intelectual e institucional que culminou com a criação da escola dos *Annales*, e exaustivamente repetida de maneira acrítica pelos seus herdeiros intelectuais.

A historiografia francesa historicista do oitocentos é explicitamente rica em erudição e em contribuições ao progresso dos estudos históricos, e, conseqüentemente para sua institucionalização no interior da academia francesa, fato importante para a profissionalização do conhecimento histórico. Marc Bloch, cofundador da escola dos *Annales*, menos afeito ao poder e mais preocupado em

---

realizar uma crítica construtiva e plausível, recorrentemente lembrava tanto da reprovável atitude panfletária de seu amigo Lucien Febvre, quanto da impossibilidade de se negar em bloco a herança intelectual dos metódicos, seus “pais intelectuais”. Afinal de contas, a atitude de homogeneizar um século de produção historiográfica sob o conceito simplista, reducionista e tendencioso de “positivismo” não poderia ser compactuada por nenhum historiador que se preze em não reproduzir “mitos historiográficos” por meio da oralidade acadêmica nos corredores das universidades, cometendo o equívoco básico de reproduzir discursos de autoridade que reforçam convicções intelectuais dominantes (BENTIVOGLIO, 2013; MATA, 2010).

## REFERÊNCIAS

ARRAIS, Cristiano Alencar. A Escola Metódica e o conhecimento histórico como problema. *Emblemas*, Catalão, v.01, n.02, s/p, 2006. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/emblemas/article/view/11389>

BENTIVOGLIO, Julio. A *Historische Zeitschrift* e a historiografia alemã do século XIX. *História da historiografia*. Ouro Preto, número 6, p. 81-101, março 2011.

\_\_\_\_\_. Historiografia e máquinas de guerra: a história da história como um estudo de relações de forças com breves apontamentos sobre a Escola Histórica Alemã e a Escola dos *Annales*. *História Revista*. Goiânia, v. 17, n. 1, p. 223-238, jan./jun. 2012. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/historia/article/view/21720>

\_\_\_\_\_. Revistas de História: objeto privilegiado para se estudar a História da Historiografia? In: ARRAIS, Cristiano Alencar; BENTIVOGLIO, Julio (org.). *As Revistas de História e as dinâmicas do campo historiográfico*. Editora Milfontes, 2017, p.7-30.

\_\_\_\_\_. Marc Bloch. In: BENTIVOGLIO, Julio; LOPES, Marcos Antônio (org.). *A constituição da história como ciência: de Ranke a Braudel*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p.213-254.

BOURDÉ, Guy & MARTIN, Hervé. *As Escolas Históricas*. Lisboa: Editora Europa-América, 1983.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a história*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

CARBONELL, Charles-Olivier. L'histoire dite “positiviste” en France. *Romantisme: Revue du dix-neuvième siècle*. Les positivismes. França. n.21-22, p. 173-185, 1978. Disponível em: [http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/roman\\_0048-8593\\_1978\\_num\\_8\\_21\\_5216](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/roman_0048-8593_1978_num_8_21_5216)



COMTE, Auguste. *Curso de filosofia positiva*. Discurso sobre o espírito positivo; Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

FEBVRE, Lucien. *Combates pela história*. Editorial Presença, 1977.

HARTOG, François. *O século XIX e a História: O caso Fustel de Coulanges*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MARTINS, Estevão C. de Rezende. Historicismo: o útil e o desagradável. In: ARAUJO, Valdeci Lopes. et al. *A dinâmica do Historicismo: revisitando a historiografia moderna*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2008, p.15-48.

MATA, Sérgio da. Leopold von Ranke (1795-1886): apresentação. In: MARTINS, Estevão de Rezende. (org.). *A história pensada: teoria e método na historiografia europeia do século XIX*. São Paulo: Contexto, 2010, p.187-215.

MEINECKE, Friedrich. *El historicismo y su génesis*. México: Fondo de Cultura Económica, 1943.

MONOD, Gabriel. Do progresso dos estudos históricos na França desde o século XVI. In: MALERBA, Jurandir. (org.). *Lições de História: o caminho da ciência no longo século XIX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p.332-352.

RANKE, Leopold von. Sobre o caráter da ciência histórica. In: MALERBA, Jurandir. (org.). *Lições de História: o caminho da ciência no longo século XIX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p. 141-154.

REIS, José Carlos. *A história, entre a filosofia e a ciência*. São Paulo: Ática, 1996.

REIS, José Carlos. Henri Berr. In. MALERBA, Jurandir (Org.) *Lições de História: o caminho da ciência no longo século XIX*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010, p.413-423.

WHELING, Arno. *A invenção da história: estudos sobre o historicismo*. Rio de Janeiro: UGF; Niterói: UFF, 1994.

Recebido em: 07/07/2018

Aprovado em: 29/03/2019